



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

STEPHANI VIEIRA FELIX

A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS PROTAGONISTAS DE *O*
***QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ**

CAJAZEIRAS - PB

2023

STEPHANI VIEIRA FELIX

**A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS PROTAGONISTAS DE O
QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes

CAJAZEIRAS - PB

2023

F316r Felix, Stephani Vieira.

A representação das personagens femininas protagonistas de O Quinze de Rachel de Queiroz / Stephani Vieira Felix. - Cajazeiras, 2023.

36f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - UFCG/CFP, 2023.

1. Análise literária. 2. Personagens femininas. 3. Mulher. 4. Sociedade. 5. Personalidade. 6. O Quinze. 7. Queiroz, Rachel de. 8. Literatura brasileira. I. Pontes, Carlos Gildemar. II. Título.

STEPHANI VIEIRA FELIX

**A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS PROTAGONISTAS
DE *O QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 08/02/2023

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof.ª Dr.ª Ligia Regina Calado de Medeiros
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 2)

A Deus, meu Senhor e Rei;

A minha mãe, minha maior inspiração.

PARA SEMPRE, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por me guiar e ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados durante o caminho.

Ao professor Dr. Carlos Gildemar Pontes, agradeço pela orientação, pelo conhecimento compartilhado e por ter feito das correções momentos de reflexões e aprendizagem.

A minha mãe, Eugênia Vieira, meu alicerce, que mesmo em meio às dificuldades sempre exerceu com excelência o papel de mãe e pai e nunca permitiu que nada me faltasse e nem me distanciasse da busca pela realização dos meus sonhos.

Ao meu tio e padrinho, Arnaldo Vieira, por sempre se fazer presente em todos os momentos importantes da minha vida.

Ao meu noivo, Júnior Araújo, meu parceiro de vida, pelo apoio e incentivo ao longo da minha trajetória acadêmica.

Ao meu padrasto, Edimilson Filho, por sempre fazer o possível para me ajudar com o que esteve ao seu alcance.

A minha amiga e irmã de coração, Patrícia Marques, que tornou o percurso mais leve com seu apoio e motivação.

Às minhas amiga, Jéssica Ingrid e Vitória Lins, por estarem ao meu lado em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, tornado tudo mais leve.

Aos professores da UFCG, que contribuíram para a minha formação acadêmica.

As amigas que conheci na Universidade, em especial Beatriz Dantas e Deliane Estrela, por todos os bons momentos compartilhados que aliviaram a rotina cansativa.

A todos os meus colegas de turma, em especial Karina Marcelino, por todas as vezes que me ajudou a sanar dúvidas e contribuiu para a minha formação com suas palavras de incentivo.

RESUMO

O espaço atual ocupado pelas mulheres na sociedade é resultado de uma luta traçada desde muito tempo. Conquistas como a garantia ao estudo, ao direito ao voto e a inserção ao mercado de trabalho foram grandes avanços na busca pela igualdade social. O percurso foi árduo e uma das formas que as mulheres encontraram de manifestar o desejo que tinham de ocupar um lugar que não se limitasse às imposições e idealizações as quais eram submetidas foi através da literatura. Diante de um contexto de mudanças nas mais diferentes esferas sociais ocorridas durante o final do século XIX e início do século XX, foi possível observar algumas transformações na atuação da mulher na sociedade. Nesse sentido, partindo do estudo de *O Quinze*, de autoria de Rachel de Queiroz, buscamos apresentar nesse trabalho a representação das personagens protagonistas presentes na obra, tendo como objetivo principal analisar quais fatores fazem de Conceição, Dona Inácia e Cordulina, mulheres de personalidade totalmente distintas, com pensamentos e atitudes que determinam o comportamento de cada uma. Em seguida, identificamos no romance quais aspectos influenciaram suas ações e o espaço em que cada uma ocupa dentro do romance. Como fundamentação teórica buscamos conhecer o universo feminino no início do século XX, período que influenciou a escrita da obra, a partir de Alves (2000) e Stelmachuk (2012); o percurso feminino no Brasil a partir de Telles (2004); concepções sobre feminismo a partir de Alves e Pitanguy (1985); as mulheres na literatura brasileira a partir de Rocha (2017); além dos demais autores que também contribuíram teoricamente na fundamentação do nosso trabalho. Ao que corresponde à metodologia, a pesquisa desenvolvida caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que, parte da análise do romance e se desenvolve a partir do estudo de outras referências bibliográficas, e quantitativa, quanto a natureza de seus dados, já que consiste na compreensão e interpretação dos fatos. Compreende também em caráter descritivo-analítico, pois, irá proporcionar uma leitura mais aprofundada sobre as personagens, o feminino e as relações contextuais do espaço tempo em que foi produzida a obra, levando-se em conta a seca como condicionante do enredo.

Palavras-chave: Mulher. Sociedade. Personalidade. *O Quinze*. Rachel de Queiroz.

ABSTRACT

The current space occupied by women in society is the result of a long struggle. Achievements such as the guarantee of studies, the right to vote and insertion in the labor market were major advances in the quest for social equality. The road was hard and one of the ways that women found to express their desire to occupy a place that was not limited to the impositions and idealizations to which they were submitted was through literature. Faced with a context of changes in the most diverse social spheres that occurred during the late 19th and early 20th centuries, it was possible to observe some transformations in the role of women in society. In this sense, starting from the study of *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, we seek to present in this work the representation of the protagonist characters present in the work, having as main objective to analyze which factors make Conceição, Dona Inácia and Cordulina, totally different women, with thoughts and attitudes that determine the behavior of each one. Then, we identified in the novel which aspects influenced their actions and the space that each occupies within the novel. As a theoretical basis, we seek to know the female universe in the early twentieth century, a period that influenced the writing of the work, based on Alves (2000) and Stelmacuk (2012); the female trajectory in Brazil from Telles (2004); conceptions about feminism by Alves and Pitanguy (1985); women in Rocha's Brazilian literature (2017); in addition to other authors who also contributed theoretically to the foundation of our work. As for the methodology, the research developed is characterized as bibliographical, as it starts from the analysis of the novel and develops from the study of other bibliographical references, and quantitative, regarding the nature of its data, as it consists of the understanding and interpretation of facts. It also comprises a descriptive-analytical character, as it will provide a deeper reading of the characters, the feminine and the contextual relations of the space and time in which the work was produced, taking into account the drought as a plot condition.

Keywords: Woman. Society. Personality. The Fifteen. Rachel de Queiroz.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UNIVERSO FEMININO NO INÍCIO DE SÉCULO XX.....	11
3 RACHEL DE QUEIROZ.....	16
3.1 <i>O QUINZE</i> , ROMANCE DE ESTREIA	21
4 AS MULHERES DE RACHEL	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo tem-se traçado uma grande luta pela igualdade feminina nos mais variados segmentos sociais. O percurso em busca de espaço tem sido árduo, pois ainda existem muitas formas de exclusão da mulher na sociedade. As mulheres foram privadas de muitos direitos como o voto, a igualdade de condições no mercado de trabalho, a imposição de valores que determinavam o comportamento delas em família e socialmente, seguindo uma ótica patriarcal e machista.

Tais padrões determinavam que a educação das mulheres fosse voltada para a submissão, fortalecendo o domínio do homem, a sua importância como protagonista na condução das relações e comportamentos a serem seguidos da infância ao fim da vida, como se a mulher não tivesse condições de ter sua identidade e seus valores escolhidos por ela mesma. Embora fossem moldadas para se calar e aceitar as imposições da sociedade, havia mulheres que reconheciam a necessidade de ocupar um espaço maior e que explanavam seus descontentamentos através da literatura, das artes e da educação.

Na perspectiva de reconhecer a mulher como ser movente que ocupa cada vez mais espaço na sociedade contemporânea resolvemos estudar *O Quinze*, obra de caráter regionalista, de Rachel de Queiroz. Tal intento nos indicou um percurso para conhecer um pouco da escritora e da obra que reflete ações acerca da atuação da mulher na sociedade, através da identificação de personagens femininas com personalidades distintas e marcantes, que permitem conhecer as muitas faces da mulher do sertão, sendo elas: Conceição, mulher de grande notoriedade dentro do romance por possuir ideias avançadas para uma mulher do seu tempo; Dona Inácia, avó de Conceição e matriarca de uma fazenda no interior do Ceará, que se destaca por sua força, fé e apego aos costumes do sertão; e Cordulina, que apesar de demonstrar fragilidade e falta de personalidade, possuía a força de uma mulher retirante, que enfrentou muitas adversidades durante o percurso da sua arribação.

A partir dessa perspectiva, analisamos quais fatores fazem das personagens: Conceição, Dona Inácia e Cordulina, presentes em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e determinam o comportamento de cada uma.

Dito isto, buscamos conhecer o universo feminino no início do século XX, período que influenciou a escrita da obra, a partir de Alves (2000) e Stelmachuk (2012); o percurso feminino no Brasil, com apoio de Telles (2004); concepções sobre feminismo a partir de Alves e Pitanguy (2000); as mulheres na literatura brasileira, de acordo com Rocha (2017); além dos demais

autores que também contribuíram teoricamente na fundamentação do nosso trabalho.

Desta forma, o caráter descritivo-analítico adotado irá proporcionar uma leitura mais aprofundada sobre as personagens, o feminino e as relações contextuais do espaço-tempo em que foi produzida a obra, levando-se em conta a seca como condicionante do enredo. A descrição dos fatos geradores do comportamento das personagens e a análise das situações em que elas estão inseridas favorecerá uma interpretação da obra por parte dos alunos e dos pesquisadores que se debruçarem sobre o tema. A produção textual daí resultante será um contributo para os estudos sobre a obra da escritora cearense.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos, sendo eles: a *Introdução*, capítulo inicial, onde buscamos apresentar a temática, a finalidade da análise, os autores que contribuíram para a fundamentação do tema; posteriormente, como segundo capítulo, intitulado *Universo Feminino do Século XX*, apresentamos o sistema educacional das mulheres dessa época e o espaço social que elas ocupavam nesse período; o terceiro capítulo, intitulado *Rachel de Queiroz*, aborda a vida e obra da escritora, com um enfoque maior em *O Quinze*, obra de destaque deste trabalho; e como quarto capítulo, intitulado *As mulheres de Rachel*, analisamos os comportamentos dessas personagens e os fatores que influenciaram a construção de seus pensamentos e ações.

Por fim, apresentamos nossas *Considerações Finais* como forma de recapitular sinteticamente as discussões anteriores, a fim de contribuir para novas interpretações acerca do tema.

2 UNIVERSO FEMININO NO INÍCIO DE SÉCULO XX

As transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial apresentaram algumas práticas sociais decorrentes da nova relação entre o capital e o trabalho. A mão de obra remunerada mesmo que gere algum lucro para o trabalhador acentuou ainda mais a exploração, tendo em vista que alguns direitos passaram a fazer parte da expectativa dos trabalhadores.

Nesse contexto de mudanças, o Brasil passou por semelhante processo de transformação, embora o fim da escravidão não abrisse as portas para o mundo do trabalho como ocorrera na Europa. Esse sistema de trabalho trouxe mudanças no perfil da sociedade já no final do século XIX, “graças ao processo de urbanização e a vinda de imigrantes europeus em levas cada vez maiores para o centro-sul”, conforme Bosi (2006, p. 324).

Chalhoub (1998) afirma que, entre o final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro, contava com um acelerado crescimento populacional. Era a única cidade do Brasil com mais de 500 mil habitantes, e esse aumento acelerado era resultado da migração dos escravos libertos da zona rural para a urbana, além do crescimento do fluxo migratório, principalmente os de nacionalidade portuguesa, em que a maioria correspondia ao sexo masculino, com indivíduos na faixa de 15 a 30 anos de idade, fator que proporcionava a intensificação da mão-de-obra resultante do processo de desenvolvimento, como também da necessidade da luta pela sobrevivência.

Nessa sentido, o processo de mudanças sócio-econômicas ocorrido na cidade carioca estava associado à transição de relações sociais do tipo senhorial-escravista para as do tipo burguês-capitalista, onde o trabalhador passava a ser assegurado do recebimento do salário como pagamento pelo serviço prestado. Para garantir que esses agentes sociais desempenhassem suas atividades de acordo com o que era esperado pelos burgueses, desenvolveu-se a noção de que o trabalhador deveria mercantilizar prazerosamente sua força de trabalho, partindo da ideia de que, após a liberdade concedida à classe, essa colaboração remunerada seria a melhor forma de abrir as portas de um país à livre entrada dos costumes civilizados (Chalhoub, 1998). Em consonância com o autor, relembramos os desafios enfrentados nos mais variados aspectos da vida da classe trabalhadora, em que no primeiro momento, embora contassem com a liberdade, a população pobre do Rio de Janeiro, constituída por migrantes internos e imigrantes estrangeiros, lutava pela oportunidade de emprego como forma de sobrevivência em um mercado de trabalho capitalista em formação.

A classe trabalhadora também enfrentou desafios de habitação no Rio de Janeiro, uma vez que, os espaços ocupados por ela na cidade passaram por reformas urbanísticas, que

demoliram as moradias acessíveis por essa população desfavorecida economicamente, e construíram prédios e casas elegantes e caros (CHALHOUR, 1998).

Contudo, diante das mudanças que ocorriam no início do século XX, Alves (2000) afirma que através delas configurou-se as alterações de valores, práticas e papéis que as pessoas desempenhavam. Com isso, as instituições familiares como parte pertencente da sociedade também eram afetadas por essas transformações. Segundo a autora, já existia a preocupação desde séculos anteriores quanto ao rumo que as relações das pessoas tomariam dentro do âmbito familiar.

De acordo com os relatos de idosos e idosas, que passaram a infância no final do século XIX e início do século XX, é possível identificar que um conjunto de valores da sociedade eram aplicados de forma distinta ao menino e à menina. A eles eram atribuídos valores como o respeito, a obediência, a honestidade e o trabalho; já para elas eram destinados os mesmos valores, mas como submissão, e ainda mais: a delicadeza no comportamento, as prendas domésticas, a pureza, que permitiam rotular tradicionalmente o que seria esperado de uma mulher. Isso tudo, de acordo com Alves (2000), demonstrava que a educação propiciava distinções entre homem-mulher que se tornaram bem evidentes.

Nesse sentido, destaca-se entre as configurações dos comportamentos dos membros que constituem a família, a figura feminina, que desde muito tempo vivia sob domínio masculino, sempre destinada a seguir as regras impostas pela sociedade.

Era através da restrição aos filhos que os pais garantiam que as medidas educacionais para meninas tivessem resultado, uma vez que, dessa forma, era gerado o conhecimento sobre o que é “certo” ou “errado” associado com a prática de obedecer. Alves (2000, p. 235) acentua que, o controle sobre meninas geralmente ocorria da seguinte forma:

1. Ameaças de retirada de afeto. Ex.: Você age assim e ninguém gosta... (Mulher, 78 anos)
2. Ameaças de abandono e solidão. Ex.: Moça assim não casa... (Mulher, 80 anos)
3. Castigo dos Céus. Ex.: Nossa Senhora está olhando para você e está triste... (Mulher, 90 anos)
4. Remorço. Ex.: Quando eu morrer, você vai ver a falta que vou fazer...e aí vai ser tarde demais. (Mulher, 75 anos)
5. Culpa. Eu só quero o seu bem... o seu pai também... o que você está fazendo é uma ingratidão... (Mulher, 90 anos).

Ensinar sobre obediência era considerado uma das mais eficazes maneiras de reprimir a mulher, pois, além da quebra das regras instauradas pelo pai resultar em punições como surras e cascudos, temidos pela menina, existia um sistema que não permitia que ela sentisse desejo pela liberdade, mas sim prazer em sempre agradar, porque dessa forma lhe eram rendidos

elogios. Assim, tornava-se mais cômodo para a menina acatar as vontades dos pais de acordo com o que era considerado apropriado para as elas. Embora esses fatores moldassem o perfil ideal das mulheres para o casamento, segundo Alves (2000), não bastava estar enquadrada nos critérios impostos pela sociedade e despertar o interesse dos candidatos, era a família que decidia qual pretendente era melhor para elas. A autora acentua que, nesse período, a mulher era escolhida da mesma forma que era comandada, uma vez que eram os pais e os irmãos que definiam com quem as moças com vários pretendentes deveriam se casar.

Assim, é possível perceber que a mulher não tinha autonomia sobre a própria vida nem na sua fase adulta, pois, até mesmo as decisões que comprometiam seu futuro, eram tomadas pelos homens. Nesse sentido, Rocha (2017) afirma que, a figura masculina estava associada com a força e a racionalidade, enquanto que para a figura feminina eram atribuídas características como a fragilidade, fraqueza, emotividade e irracionalidade. Dessa forma, a identidade do homem era construída positivamente em relação à da mulher.

Alguns aspectos do universo feminino desse período foram representados de forma ficcional por Rachel de Queiroz, através da sua obra *O Quinze*, publicada em 1930, onde a autora apresentou várias facetas das personagens femininas, mostrando diferentes características das mulheres sertanejas. Dentre elas, podemos observar na figura de Cordulina o perfil da mulher submissa e sem voz, moldada para cuidar do lar e acatar as decisões do marido.

No contexto educacional do final do século XIX, era destinado às meninas pertencentes às famílias de grupos sociais privilegiados que aprendessem a leitura e a escrita, assim como habilidades com a costura, a culinária e todos os elementos que as tornassem donas de casa preparadas e bosa esposas, como destaca Louro (2004).

Nesse período existia a necessidade de formar professores e professoras para atuarem na construção da cidadania dos jovens, levando em consideração o aumento na demanda escolar. Com essa finalidade, foram criadas as escolas normais, instituições abertas para a formação de ambos os sexos, entretanto, notou-se que, os relatórios mostravam um número superior de mulheres formadas e atuantes na sala de aula. Isso se justificava, em alguns casos, devido ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens. A identificação da mulher com a atividade docente foi ganhando cada vez mais espaço na sociedade. Existia a ideia de que elas eram capazes de assumir o papel de educadora por ser de sua natureza o cuidado com as crianças, e que o magistério representava, de certa forma, a aplicação do instinto materno feminino (LOURO 2004).

Em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, podemos observar, dentre as representações de suas personagens femininas, a figura de Conceição, uma mulher que teve acesso à educação e exercia a função de professora primária. Com essas oportunidades de estudo, tornou-se uma mulher emancipada, um dos aspectos que a diferenciavam significativamente das mulheres da época.

Apesar de ser concedida à mulher a aprendizagem sobre noções de leitura e escrita, não era esperado que elas utilizassem de qualquer conhecimento para se envolver com assuntos sociais. “Elas deveriam se projetar socialmente pela beleza e pelo desempenho dos papéis de esposa e mãe dedicada. Assim, as que ousavam transpor as prescrições estabelecidas para seu sexo, enfrentavam a censura da sociedade da época e, muitas vezes, da própria família”. (ROCHA, 2017, p. 173).

Rachel de Queiroz projetou através da personagem Conceição a imagem de uma mulher que se distanciava desses padrões. A moça tinha o hábito de ler livros de caráter socialistas, de onde adquiria conhecimento sobre a condição da mulher na sociedade e sua avó, Dona Inácia, demonstrava insatisfação pelas suas leituras.

Louro (2004) acentua que, a circulação das mulheres pelos espaços públicos só deveria ocorrer quando ligada às atividades da Igreja, bem como procissões, missas e novenas, sendo essa uma das poucas formas de lazer proporcionado a elas.

Apesar das atividades desenvolvidas pelas mulheres se diferenciarem das que eram de domínio masculino, Stelmachuk (2012) afirma que no meio rural o trabalho realizado por elas estava relacionado à subsistência, mas com a constante ausência dos homens que trabalhavam na pecuária nômade, passavam a administrar as fazendas, estâncias e empreendimentos. Foi apenas no início do século XX, entre os anos 1914 e 1918 que a vida das mulheres do campo mudou significativamente, pois, com a necessidade da ida dos homens para a guerra, ocasionou-se a transferência das tarefas e do poder para as mulheres, que além de exercerem atividades no campo, passaram a também gerenciar os negócios, fatores que modificaram o equilíbrio das famílias e as relações entre homem e mulher.

Embora o início do século XX ainda tenha sido um período em que o espaço que as mulheres ocupavam era estabelecido pela sociedade, já se notava a existência de ideias sobre a necessidade de se contrapor aos discursos relacionados à figura feminina da época, e uma das formas de manifestá-las era através da literatura.

Ao que corresponde a literatura feminina nessa fase, Telles (2004) afirma que, as mulheres já pensavam em ser algo além do que meras personagens literárias dos textos escritos por homens, que as representavam como subordinadas. Segundo a autora, na tentativa de

escapar dessa estrutura autoritária dos textos masculinos, já existiam mulheres que escreviam e publicavam em jornais. As mocinhas expressavam seus pensamentos e estados da alma através da escrita em cadernos que a escritora Lygia Fagundes Telles denominava como “caderno goiabada”, uma espécie de diário.

Diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo – que se sabe, em se tratando de mulher casada, só podia ser bandalheira. Ficavam sim com o caderno do dia a dia, onde, em meio a receitas e gastos domésticos, ousavam escrever uma lembrança ou ideia. Cadernos que Lygia vê como um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na carreira de letras, ofício de homem (TELLES, 2004, p. 342).

Ao invocarmos a visão por dentro de Rachel de Queiroz n’*O Quinze*, tratando de uma realidade que conhecia por ter vivenciado toda a problemática da seca, podemos perceber na obra relatos da realidade dos nordestinos diante da seca de 1915, que assolou o Nordeste do país, sob o olhar de uma mulher que conhecia de perto os aspectos naturais, sociais e políticos do sertão. Ao escrever sobre esses assuntos a autora não se limitou ao espaço da literatura destinado para as mulheres daquela época. Apesar de só ter sido reconhecida como escritora em 1930, a partir dessa obra, ela já havia escrito para o jornal *O Povo*, com o pseudônimo Rita de Queluz, desde 1928.

Assim como na literatura, a luta pelo espaço feminino na sociedade se estendeu a outros polos. No que tange a essa busca pela participação feminina nos seguimentos sociais, Alves e Pitanguy (1985) pontuam que, em 1910 iniciou-se no Brasil a luta pelo direito da mulher ao voto, com o surgimento do Partido Republicano Feminino, fundado pela professora Deolinda Daltro, objetivando ressuscitar no congresso o debate sobre o voto feminino. Posteriormente, surgiram outras organizações que intensificam a mobilização das mulheres pelo alistamento eleitoral em todo o País. Dessa forma, o direito ao voto foi sendo alcançado aos poucos e em 1932, quando Getúlio Vargas decretou a lei do direito de sufrágio das mulheres, este já estava sendo exercido em 10 estados do país.

Diante disso, identificamos que, embora o universo feminino dos primeiros anos do século XX ainda estivesse bastante influenciado pelo século anterior, já existiam alguns avanços na busca pela ampliação do espaço feminino na sociedade. A mulher, que durante muito tempo viveu sob as imposições patriarcais, sem liberdade de escolha e sem condições de manifestar sua própria identidade, passou a executar funções que eram destinadas apenas ao homem, além de conquistar direitos como ao voto e a educação.

3 RACHEL DE QUEIROZ

A figura de Rachel de Queiroz é marcada por uma personalidade influenciada pelas suas experiências sociais. Nascida em 17 de novembro de 1910, a autora vivenciou importantes acontecimentos da história do país ocorridos durante o século XX, e os transmitiu sob seu olhar crítico através dos relatos de suas memórias, muitas vezes retratados em ficções de aspectos regionais.

Filha de Clotilde e Daniel, Rachel de Queiroz veio ao mundo pelas mãos de sua bisavó Maria de Macedo, mais conhecida como Miliquinha. Conforme Acioli (2003), era comum que as mulheres mais velhas da família cuidassem do nascimento de seus parentes. Dessa forma, prestes a dar à luz, a mãe de Rachel foi para Fortaleza, onde residia sua avó para contar com essa ajuda durante o parto. A autora destaca que, o local onde dona Miliquinha morava, era frequentado pelas melhores famílias da cidade, evidenciando que Rachel pertencia à classe nobre da sociedade, com uma boa estrutura financeira.

De acordo com Acioli (2003), após alguns dias do nascimento de Rachel, seus pais foram para o sítio do Junco, uma das propriedades da família, localizado no Quixadá. O lugar foi cenário de muitas das suas lembranças durante o período da infância. Segundo a autora, foi também nesse sítio que aos cinco anos despertou-se na menina a curiosidade pela leitura, já que o hábito de ler era muito comum entre os adultos do seu convívio.

Apesar de notar o desejo que a filha tinha de aprender a ler, Clotilde só pretendia que ela fosse alfabetizada após os sete anos de idade, entretanto, Rachel iniciou sozinha suas primeiras leituras, com a decodificação das palavras presentes na obra *Ubirajara*, de José de Alencar, embora ainda não compreendesse o que era retratado na história, como afirma Acioli (2003).

De acordo com a autora, por ser a filha mais velha, Rachel sentia-se solitária e fazia da leitura sua melhor companhia. Ela tinha preferência pelos livros de ficção científica do escritor francês Júlio Verne, que a inspirava a ir para o rio na tentativa de vivenciar o que era absorvido das histórias. Acioli (2003) relata ainda que, aos doze anos, o gosto de Rachel pelos livros de aventura deu espaço ao interesse pela literatura brasileira, através da obra machadiana, *A mão e a Luva*.

Foi somente aos dez anos de idade que Rachel entrou em uma escola, por influência de sua avó paterna, que costumava catequizar os netos e ficou revoltada ao perceber que a menina não tinha nenhuma formação religiosa, decidindo então, colocá-la em um colégio de freiras francesas, como comenta Acioli (2003). De acordo com a autora, embora Rachel já tivesse

bastante prática com a leitura, demonstrou muita dificuldade com as matérias do currículo formal. Dessa forma, foi avaliada por uma das professoras da escola, que tinha como finalidade identificar o seu nível de conhecimento e assim, saber qual sala seria mais adequada para ela. Durante os testes, a professora notou que ela possuía mais conhecimento do que era esperado para sua idade, mesmo sem nunca ter frequentado a escola, e isso estava diretamente relacionado ao hábito que ela tinha pela leitura.

De acordo com Sousa (2008, p. 16) a convivência nesse espaço religioso “constituiria um aprendizado decisivo e fecundo na formação da escritora, numa época e região em que ser católico praticante e possuir educação segundo os princípios e a orientação da Igreja eram um ajustamento que a sociedade exigia.” Dessa forma, é possível perceber que Rachel representou em sua obra *As Três Marias*, através da personagem Maria Augusta, essa fase de contato com a religião em sua vida, pois, em consonância com o que foi destacado por Sousa (2008), tanto a escritora como a personagem foram para um colégio interno na mesma idade e por decisão da família.

Embora saibamos que a obra não deve ser associada à vida do autor, em alguns momentos percebemos na escrita de Rachel de Queiroz semelhanças entre sua vida e a sua obra. Rachel começou a participar dos processos de migração junto a sua família muito jovem, em decorrência das mudanças de emprego de Daniel. Em 1917, com apenas seis anos de idade, viajou para o Rio de Janeiro, onde seu pai passou a exercer a função de advogado em um curto período de tempo, pois não se identificou com a profissão. Em novembro do mesmo ano viajaram para Belém, e dois anos depois, em 1919, retornaram para o Quixadá. Encontraram o local em uma situação crítica por consequência da seca que assolava o Nordeste desde 1915, como afirma Acioli (2003). É importante salientar que esse foi mais um dos acontecimentos da vida de Rachel, relatado por ela de forma ficcional, através de sua primeira obra, *O Quinze*, de teor regionalista, publicado em 1930, com o apoio financeiro dos pais.

Embora sua carreira como escritora só tenha sido estreada com o lançamento desse livro, ela já costumava publicar textos em jornais e folhetins. De acordo com Sousa (2008), em 1927 Rachel iniciou sua trajetória jornalística utilizando o pseudônimo Rita de Queluz e escrevendo para o jornal *O Ceará*. Posteriormente, em 1928, sua atuação como jornalista se projetou ainda mais através do êxito obtido na publicação do romance em folhetins: *História de um nome*, passando assim a redigir uma página literária.

No que tange a caracterização da escrita de Rachel de Queiroz, é importante ressaltar que, além de dar “um novo rumo à literatura brasileira de teor regionalista”, como afirma Sousa

(2008, p. 17), suas produções literárias também abarcavam características bem peculiares.

A escritora buscava retratar a autonomia feminina através de suas personagens, em uma sociedade tradicionalmente patriarcal. Além disso, deu bastante ênfase aos fatores sociológicos, ao criticar vários aspectos da realidade brasileira. Em consonância com essas marcas da escrita de Rachel, Tamaru (2004) comenta sobre sua crônica intitulada *A Imagem Feminina*, onde a autora lamenta as ideias que os homens têm das mulheres, de modo que, os escritores caracterizam as personagens femininas como boas ou más, fiéis ou infiéis, resumindo-as em esposas ou prostitutas. Dessa forma, é possível perceber o atento olhar da escritora à condição da mulher na sociedade.

Através da crônica *A Condição da Mulher*, publicada na revista *O Cruzeiro*, Rachel enfatizou que os padrões impostos pela sociedade não permitem que os instintos físicos femininos assim como suas necessidades morais sejam manifestados, e nem que a mulher seja matriarca autoritária e senhora dos homens e dos filhos, mas apenas um ser de delicadeza e renúncia, de idealismo e submissão, até mesmo quando se propõe a escrever:

Desde adolescentes exigimos de nós próprias essa confrontação e se nos habituamos à aparência que de nós reclamam, o fato é que jamais atingimos intimamente. Vivemos simulando, mas só Deus sabe o que isso nos custa. Vejam esse ofício de escrever, por exemplo. Nada mais difícil do que escrever, para uma mulher, se ela quer fugir ao mel rosado da chamada “literatura feminina”. Tenta ser natural, mas tem que procurar um natural forçado, porque o natural de verdade lhe é proibido. [...]. Um homem pode escrever de seus amores – é assunto que até lhe dá lustro; mas que pensaríeis, amigos, se uma mulher se pusesse a contar no jornal os seus casos de coração, aquele que lhe deu o fora, aquele outro a quem ela enganou, - e usasse, enfim, a singela franqueza de que pode usar à vontade qualquer memorialista masculino? Se ela diz as verdades brutais da vida é uma virago, se não as diz não passa de uma boneca falante (QUEIROZ, 1945, s/p).

Ainda nessa crônica, Rachel ressaltou que não se considerava feminista e disse não concordar com a intenção que o movimento tem de progredir, ao tornar uma mulher “motoqueira de bonde”. A autora também utilizou esse discurso em algumas entrevistas. Entretanto, seu envolvimento com assuntos sociais, assim como seus textos, que apresentam o combate à convenção do feminino, como afirma Tamaru (2004), mostram o contrário.

Rachel também mantinha um olhar crítico sobre outros aspectos da realidade brasileira, principalmente quando se tratava de algum assunto de teor regional. Na crônica *Perdão, mas ainda é seca*, também publicada na revista *O Cruzeiro*, a autora demonstrou a condição degradante que a seca impõe aos indivíduos da região Nordeste e atribuiu aos governantes a

culpa pelo sofrimento que aflige a população. Pois, embora trate-se de um problema ocasionado pela falta de chuvas e ocorra de forma natural, ela salientou que os nordestinos não são assegurados de nenhuma medida que diminua as consequências trazidas pela escassez, principalmente se for levado em consideração a frequência com a qual ela ocorre na região. Dessa forma, Rachel destinou críticas tanto ao governo da época, como aos antecessores dele, que nada fizeram para solucionar ou amenizar o problema:

Pois nada de definitivo se fez ainda no Brasil para anular o efeito do flagelo climático, no Polígono das Sêcas. Todo auxílio que se dá ao Nordeste, é intermitente, emocional e desregrado. Não é uma obra de consciência, sem solução de continuidade, que os Presidentes da República deveriam receber, no começo do quadriênio, como atleta que recebe o facho olímpico com o dever de o passar adiante, terminada a sua etapa de corrida. Os ex-presidentes da República que ainda são vivos, será possível que os não maltrate o remorso, vendo a tragédia monotonamente se repetir, decênio após decênio – e muito por culpa deles? (QUEIROZ, 1953, s/p).

Essas marcas que caracterizam a escrita de Rachel de Queiroz, já se faziam presentes desde o início da sua jornada como escritora. Isso se evidenciou em *O Quinze*, obra que transformou a autora em uma personalidade literária. O romance, que contém um fundo social, e retrata de forma realista e dramática, a luta de um povo contra a miséria e a seca, foi produzido durante o período em que a autora esteve de repouso por decorrência de uma suspeita de tuberculose. O lançamento foi um sucesso, e a partir dele Rachel estreou sua carreira como escritora.

Uma obra de teor social, que descreve vários aspectos da realidade nordestina diante de uma seca devastadora e de autoria de uma menina de 19 anos, foi motivo de espanto para a sociedade do século XX, período de seu lançamento, afinal, uma linguagem tão objetiva, e um tema que fugia da fabulação amorosa, não era de se esperar para a composição de uma mulher.

Nesse sentido, Azevedo (1985) comenta que, além da grandeza da obra quanto a sua literariedade, ela surgiu no momento em que a ficção brasileira se voltava para os grandes e graves problemas coletivos. O período correspondia à segunda fase do Modernismo, que apresentava um nacionalismo crítico, e era marcada pela produção de romances de teor nacionalista com foco em denúncias sociais.

Em 1932, já reconhecida como uma escritora modernista, Rachel se casou com o poeta e bancário José Auto da Cruz. De acordo com Sousa (2008), nesse mesmo ano a escritora rompeu com o Partido Comunista, o qual contou com sua participação durante a fundação em Fortaleza. Esse rompimento se deu pelo fato de sua obra *João Miguel* ter sido censurada por

três diretores do partido, que concluíram que a publicação não poderia ocorrer sem que fossem feitas importantes modificações.

Mesmo diante do ocorrido, Rachel seguiu com a publicação do livro, sendo esse o seu segundo romance. Sousa (2008) comenta que, logo após o lançamento, a escritora mudou-se para Alagoas, devido à transferência do seu marido, que era funcionário do Banco do Brasil. O momento também proporcionou a Rachel o surgimento de amizades com importantes escritores literários, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Em 1933, o casal teve uma filha, mas a criança veio a falecer dois anos depois, acontecimento que marcou para sempre a vida da escritora. Sobre esse fato Sousa (2008) destaca que, em 1937, Rachel deu espaço à morte de uma criança em sua obra *Caminho de Pedras*, assim como no romance *Dôra, Doralina*, publicado em 1975, quando a personagem Dôra perdeu um filho que teve com Laurindo. De acordo com a autora a personagem “demonstra que superou a compulsão feminina pela maternidade, sendo capaz de estabelecer um relacionamento rico e significativo com um homem que ama sem nenhuma expectativa de ser mãe” (SOUSA, 2008, p. 18). Dessa forma, fica mais uma vez evidente a proximidade que os assuntos presentes nas obras têm com os acontecimentos da vida da autora.

Após sete anos de casada, Rachel separou-se do marido. Sousa (2008) comenta que o fim do relacionamento estava ligado ao preconceito que a escritora enfrentou na época. Em 1940, ela foi morar com Oyama de Macedo, com quem conviveu até 1982, ano em que ele veio a falecer.

Rachel mostrou que suas contribuições para a ampliação do espaço feminino na sociedade não se limitaram apenas à literatura. Em 1977, tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 5, que tem como patrono Bernardo Guimarães, de acordo com Sousa (2008), evidenciando que na vida, levou a sério a busca pelas conquistas femininas.

A visão progressista de Rachel nos assuntos sociais e políticos fizeram com que, mesmo diante de uma sociedade machista e patriarcal a colocassem como uma mulher à frente do seu tempo. A autora morreu em 4 de novembro de 2003, aos 92 anos, devido a problemas cardíacos, deixando seu legado na literatura brasileira e sendo reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX.

3.1 *O QUINZE*, ROMANCE DE ESTREIA

O Quinze, romance de caráter regionalista e marco inicial da carreira de escritora de Rachel de Queiroz, revelou os detalhes de uma seca que, em 1915, assolou o nordeste do país. A obra permite conhecer todo o sofrimento enfrentado pelos refugiados da seca e tem como cenário principal o Quixadá, localizado no interior do Ceará.

De acordo com Bezerra (2021), o romance foi produzido fora do olhar da família de Rachel, que esperava que todos da casa dormissem para que pudesse sair da área dos quartos para a sala, e no escuro da noite, apenas sob a luz de um lampião, deitar-se no chão e escrever à mão o enredo que estreou seu grandioso percurso literário.

Conforme Acioli (2003), depois de concluída, o primeiro a ler a obra foi seu pai, que gostou tanto do que via, que como forma de incentivo lhe presenteou com uma máquina de escrever Corona. Dessa forma, Rachel passou todo o texto a limpo, e decidiu publicá-lo. Levou para a Tipografia Urânica, do mestre Camarão, que fez o orçamento no valor de dois contos e quinhentos. A quantia foi emprestada por Daniel, e em agosto de 1930, o romance foi publicado, de acordo com Acioli (2003).

A princípio, a obra desencadeou muitas críticas que inferiorizavam sua qualidade, desde os aspectos materiais, até a forma como a autora retratava os assuntos apresentados no enredo, visto que Rachel narrou a realidade da seca e toda sua proporção através de uma linguagem simples e direta.

Para outro crítico Rachel “exagerara na crueldade” ao colocar no livro uma mãe de aluguel, que pega emprestado uma criança desnutrida para comover as pessoas e pedir esmolas. O que, para o crítico, era um absurdo, um exagero de invenção literária, foi inspirado em um fato real, que Rachel ouviu em uma de suas visitas aos campos de concentração para refugiados da seca. (ACIOLI, 2003, p. 59)

Embora a obra tenha sido mal recepcionada pelos críticos, Rachel foi surpreendida positivamente quando recebeu um telegrama da Editora Nacional propondo uma segunda edição do livro. Ela abraçou a oportunidade e fez algumas alterações como: a modificação da capa, do texto, e o corte de 100 palavras em excesso da primeira versão (ACIOLI, 2003).

Em 1931, a obra *O Quinze* rendeu a Rachel o Prêmio Graça Aranha, no valor de dois contos de reis, que lhe concedeu a oportunidade de pagar a seu pai a quantia emprestada para a primeira publicação do livro. Ela tentou fazer o pagamento, mas Daniel não aceitou (ACIOLI 2003).

Composto por 26 capítulos sem títulos, apenas enumerados, a forma alternada com a qual a autora os elencou chama bastante atenção. Desenvolvida através de dois polos distintos, ora nos deparamos com capítulos que apresentam a retratação da vida de Conceição, Dona Inácia e Vicente, diante do tema central, ora com a trama da família de Chico Bento.

O contraste entre duas classes sociais opostas é bem evidenciado no desenvolver da narrativa. De um lado, os personagens Vicente, Dona Inácia e Dona Maroca correspondem ao grupo dos fazendeiros, que embora tenham sido afetados pelas consequências da seca, não foram expostos ao mesmo sofrimento que os retirantes, que nada possuíam.

Através da família de Chico Bento, Rachel descreveu minuciosamente todo sofrimento e miséria que a seca ocasionou à população nordestina mais desamparada economicamente, uma vez que foi obrigada a partir à procura de outras formas de sobrevivência, já que a fazenda na qual residiam não lhes rendia mais sustento. O drama desses retirantes foi determinado pela seca, mas teve início com palavras de Dona Maroca, patroa de Chico Bento: “você pode tomar um rumo ou, se quiser fique nas Aroeiras, mas sem serviço na fazenda” (QUEIROZ, 2021, p. 31), à medida em que ordenava soltar o gado. Dessa forma, passaram a enfrentar a realidade de uma vida sem perspectiva, sem sonho, onde o anseio por um futuro melhor foi desconstruído ao longo do caminho.

Diante dessa falta de perspectiva, Landim (1992, p. 80) destaca que: “os retirantes vão de uma escravidão a outra. Os caminhos do drama não levam a um horizonte com laivos de um futuro sorridente; é um ciclo vicioso, e a ficção está aí comprovando essa sequência repetitiva de flagelo.” Chico Bento e sua família, não eram assegurados de nada que lhes desse garantia de sobrevivência, tanto ao que corresponde à permanência na fazenda, pois, apesar de prestar seus serviços como vaqueiro, o sertanejo não conseguiu construir nenhuma base, seu trabalho só lhe rendia os mantimentos, quanto a migração rumo ao incerto, onde eles acabaram sendo perseguidos pela realidade de uma vida de privações e desamparo.

Como consequência da seca, Rachel apresentou a própria natureza como um lugar que não lhes oferecia nenhum amparo: “Estavam já na estrada do Castro. E se arrancharam debaixo dum velho pau-branco seco, nu e retorcido, a bem dizer ao tempo, porque aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo.” (QUEIROZ, 2021, p. 56). Nesse momento do romance, os retirantes procuravam por uma sombra para descansarem, mas sem sucesso, pois a natureza encontrava-se degradada pela falta de chuva.

Diante desse cenário, a autora também apresentou as tradições religiosas como uma característica predominante da região nordeste. A fé em São José, padroeiro dos cearenses,

recebeu espaço na narrativa através das preces de Dona Inácia.

Além de descrever as características da região Nordeste e apresentar a seca como tema central, Rachel também se preocupou com o espaço que daria às figuras femininas dentro da obra. Dessa forma, é possível perceber que através da personagem Conceição, a autora apresentou uma mulher que se destacou por ter pensamentos à frente do seu tempo, numa sociedade tradicionalmente patriarcal.

Conceição, moça jovem e professora primária, exercia a função condizente com o que era relativamente aceito para mulheres na sua época. No entanto, carregava consigo pensamentos que rompiam com o discurso conservador do seu tempo.

A autora também buscou representar as mais diversas personalidades das mulheres sertanejas, visto que, no romance estão presentes várias personagens femininas com comportamentos distintos e uma visão de mundo inteiramente influenciada pelo contexto no qual estão inseridas na sociedade.

4 AS MULHERES DE RACHEL

O Quinze, obra inaugural de Rachel de Queiroz, permite que várias reflexões sejam feitas acerca do seu tema central: a seca de 1915. Embora as características evidenciadas pela seca mostrem a pobreza, a miséria, a fome e a morte na região nordeste, observamos que as personagens femininas protagonistas são apresentadas com grande relevância pela autora, uma vez que, através delas são apontadas tanto a força, como a fragilidade, além de muitos outros aspectos da mulher do sertão.

Inicialmente, é importante destacar a existência de uma singularidade expressiva nas personagens do romance, decorrente de uma série de fatores que delimitaram o comportamento de cada uma, ainda que, inseridas no mesmo espaço da trama. Embora estejam presentes dez personagens femininas, três delas receberam grande notoriedade e contribuíram significativamente para o desenvolvimento do tema da obra. Destacam-se: Conceição (professora primária); Dona Inácia (avó de Conceição) e Cordulina (retirante). Diante disso, discorreremos acerca do perfil de cada uma de acordo com os fatores que os delimitam.

Martins (2017, p. 46) aponta que “[...] as personagens femininas apresentam comportamentos condizentes com uma conduta moldada dentro dos preceitos que eram difundidos durante a vigência do período patriarcal.” A autora salienta que apenas Conceição se afasta dessa perspectiva.

De início, a obra já apresenta o contraste existente entre o pensamento de Conceição e sua avó, Dona Inácia. A matriarca clama a São José por chuvas para o sertão e em seguida é contestada sob tom de ironia pela neta, que mostra descrença a sua devoção a santos e orações:

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, Dona Inácia concluiu:

“Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:

Nem por você fazer tanta novena ... (QUEIROZ, 2021, p. 17).

Embora Conceição tenha sido criada pela avó, suas ideias eram distintas. A moça exercia a função de professora primária e buscava na leitura o conhecimento de mundo, principalmente sobre a condição da mulher na sociedade. Ela morava na cidade, mas costumava passar suas férias na fazenda de sua avó, onde tinha contato com os livros de caráter socialista do seu avô, que lhe permitiam tirar muitas das informações configuradas estranhas por Dona

Inácia, pois para ela aquele não era tipo de leitura apropriada para moças naquela época.

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:

- E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

Conceição riu de novo:

- Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... (QUEIROZ, 2021, p. 132).

Através da personagem Conceição, Rachel de Queiroz configurou a imagem das mulheres nordestinas à frente do seu tempo com ideias que as distanciavam das imposições da sociedade para o universo feminino da sua época. Isso se evidenciava por ela, aos vinte e dois anos não ter se casado, pois este era o destino das mulheres, como prioridade em suas vidas. “As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.” (QUEIROZ, 2021, p. 20).

O personagem Vicente demonstrava sentir atração por Conceição e também despertava nela interesse. Suas características de “homem forte” e de “beleza sadia” lhe causavam admiração, mas a moça tentava se distanciar desses sentimentos por perceber as diferenças sociais e intelectuais que existiam entre ambos.

Além disso, a moça se considerava culta e atrelava ao primo o gosto limitado pela vida do campo e por assuntos relacionados apenas ao seu modo de viver. Com essas percepções, o interesse por Vicente foi se desfazendo e o rapaz, que também compartilhava do mesmo sentimento pela prima, acabou não entendendo a frieza com a qual ela passou a lhe tratar.

Conceição não compactuava com a ideia de que a mulher deveria se sujeitar ao casamento por pressão da sociedade e nem com a aceitação que existia sobre a liberdade dos homens de relacionar-se com as mulheres sem que tivessem algum tipo de compromisso com elas, como forma de aproveitamento. Dona Inácia, porém, tentava confortar a neta com o discurso que naturalizava tais atitudes como de caráter próprio dos homens.

- Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.

Conceição voltou-se rápida:

- Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direito! Olhe, Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo duma história assim, não tinha santo que desse jeito! (QUEIROZ, 2021, p. 70).

Ainda que a personagem se apresente como uma mulher emancipada e com alguns costumes que a diferenciavam das figuras femininas da sua época, exercia uma função

considerada apropriada pra a mulher naquele período, pois, sendo professora primária, desempenhava a função de cuidar e educar crianças. A moça passou a dedicar seu tempo para ajudar os flagelados da seca que viviam miseravelmente no campo de concentração criado pelo governo em Fortaleza, capital do Ceará. “Saia de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros.” (QUEIROZ, 2021, p. 79).

Dessa forma, é possível perceber que existia em sua personalidade o instinto de cuidar, e por ser favorecida economicamente, ela estava incluída ao grupo de pessoas que não foi atingido em grande proporção pelas consequências da seca e podia destinar pequenas ações aos mais desamparados.

Isso revela-se ainda, quando a moça assume o compromisso de adotar o seu afilhado Duquinha, que trilhava com a família um doloroso percurso em busca de melhores condições de vida. Embora não tenha gerado uma criança em seu ventre, Conceição cumpriu o designo de toda mulher, que é acalentar um filho no peito, como salienta Tamaru (2004).

Através do contato entre a personagem e as pessoas que viviam no campo de concentração, foram apresentadas críticas destinadas ao sistema de governo da época, uma vez que esse espaço foi criado para oferecer ajuda e amparo aos desabrigados, entretanto, a situação era de miséria e indiligência. Conceição presenciava situações descritas pelo narrador da seguinte forma:

Através da cerca de arame, apareciam-lhe os ranchos disseminados ao acaso. Até a miséria tem fantasia e criara ali os gêneros de habitação mais bizarros. Uns, debaixo dum cajueiro, estirados no chão, quase nus, conversavam. Outros, absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas, rodeavam um tocador de viola, um cego, que cantava numa melopeia cansada e triste.
[...]
E, além, uma família de Cariri velava um defunto, duro e seco, apenas recoberto por farrapos de cor indecisa. (QUEIROZ, 2021, p. 66-67).

Outra personagem de grande relevância dentro da obra é Dona Inácia, avó de Conceição. Mulher forte e de muita fé, costumava elevar preces a São José por chuvas para o sertão na certeza de que em algum momento seu pedido seria atendido.

A figura de Dona Inácia representou a mulher nordestina de fibra responsável pelo comando de suas propriedades. A matriarca assumiu a responsabilidade de administrar sua fazenda após ficar viúva e exercia seu papel com grande estima pelo lugar. Durante o crítico período da seca, a situação era de gradativas perdas econômicas em suas terras, assim como nas

demais fazendas da região, onde os proprietários não viam nenhuma medida que pudesse reverter a situação. Dona Inácia se mostrava resistente à ideia da neta de levá-la para passar o período da falta de chuvas na cidade, entretanto acabou cedendo, ainda que lamentando, pois era consciente de que não havia o que fazer para solucionar o problema. Durante a partida queixou-se para Conceição: “- Deixar tudo assim, morrendo de fome e de sede! Fazia vinte e cinco anos que eu não saía do Logradouro, a não ser para o Quixadá!” (QUEIROZ, 2021, p. 43).

A personagem também apresentou apego aos costumes da época. Isso estava constantemente presente nos diálogos entre ela e a neta. Dona Inácia ignorava algumas ideias de Conceição, principalmente quando o assunto era casamento, pois arraigada às regras da sociedade patriarcal, considerava que estava no destino de toda mulher se casar, e para ela a moça que não se casava era considerada um aleijão. Além disso, também não era de acordo com teor dos livros que a neta costumava ler e a questionava sobre necessidade de uma moça absorver informações acerca da “situação da mulher na sociedade”:

Dona Inácia juntou as mãos, aflita:

- E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros?

Novamente o riso da moça soou:

- Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar...

- E só para isso, você vive queimando os olhos, emagrecendo... Lendo essas tolices. (QUEIROZ, 2021, p. 132).

Apesar de não concordar com alguns pensamentos de Conceição, a matriarca não conseguiu reverter as ideias construídas pela neta, nem fazer com que ela se enquadrasse às regras sociais das quais se distanciava, uma vez que a moça já tinha um amplo conhecimento sobre assuntos que a tornavam uma mulher com noções femininas à frente do seu tempo.

Dona Inácia, que representou uma figura materna e protetora dentro da narrativa, ao demonstrar sua relação de cuidado e preocupação com a neta, assim como na forma como tratava os assuntos relacionados à fazenda, também se mostrou sensibilizada pela situação em que as pessoas mais fragilizadas pela seca se encontravam. Algumas vezes até acompanhava Conceição ao campo de concentração e chegou a oferecer ajuda a retirantes em sua própria casa:

Dona Inácia, que chegara à janela, notou que a pobre criança respirava num estertor penoso, com a boca meio aberta e os olhos revirados.

- Mulher, você não está vendo que esse menino está doente?

- Estou, inhora sim... Mas que é que eu hei de fazer?
Já a velha abria a porta:
- Pois entre, sente-se ali, deite o menino no seu colo... Ele estará com fome?
[...]
Dona Inácia saiu em direção à cozinha.
Quando voltou, com um prato na mão e uma colher na outra, a rapariga deitava no sofá a criança que piorava.
- Está aqui, para você levantar as forças... (QUEIROZ, 2021, p. 136-137).

Como podemos observar, o trecho mostra que Dona Inácia tinha por natureza a vontade de cuidar e ajudar o próximo, um instinto materno que não se limitava só aos seus familiares e nem apenas ao mais próximos. Compadecida com a situação em que se encontravam aqueles retirantes, oferece-lhes alimento e ficou com o menino em sua residência para que a mulher fosse comunicar a mãe dele sobre a situação em que o mesmo se encontrava. Junto a Conceição, que chegou em casa em seguida, tentou obter melhora no quadro dele, mas sem êxito, pois a criança acabou não resistindo. Triste com aquela situação colocou flores entre os dedos do menino enquanto falava baixinho: “– Pobrezinho! Deixou de sofrer! E é mais um anjo no céu...” (QUEIROZ, 2021, p. 139).

Tornou-se claro também sua preocupação com Mocinha, sua afilhada, no momento em que ao retornar para a fazenda, com a chegada do inverno, a encontrou na estrada, pois havia ficado no caminho durante o percurso com a família de Chico Bento, seu cunhado, que saía do campo à procura de novas oportunidades. Mocinha havia visto na prostituição sua forma de sobreviver. Ao reconhecê-la, Dona Inácia ofereceu-lhe ajuda imediatamente e sugeriu que a mulher partisse com ela para tentar reconstruir a vida no Logradouro, uma tentativa sem sucesso, visto que Mocinha carregava no colo um filho pequeno e sentia-se envergonhada em aparecer naquela situação no local onde todos a conheciam. Vale salientar que, dentre todas as regras impostas à figura feminina pela sociedade daquela época, o fato de uma mulher conceber um filho sem ser casada era motivo de discriminação e julgamento. Ainda assim, sem muitas alternativas, Dona Inácia seguiu tentando convencê-la: “- Pense bem, Mocinha. Cuide em viver séria, volte para a sua terra. Tenho pena de ver uma afilhada minha feita mulher da vida!”. (QUEIROZ, 2021, p. 148).

Dessa forma, percebe-se que através de Dona Inácia, Rachel de Queiroz representou a imagem da mulher sertaneja que carregava consigo o apego pelas tradições de sua época, ao mesmo modo que possuía força e fibra para assumir um papel, que naquele período era designado como uma atividade para o homem. Além disso, apresentou por meio dela o forte instinto materno que se deixou transparecer em forma de cuidado e preocupação com vários indivíduos do romance.

Além da representação feminina presente na obra através dos papéis das personagens Conceição e Dona Inácia, observamos que, na personagem Cordulina também ocorre a representação da mulher sertaneja, mas em uma perspectiva diferente das já mencionadas.

A figura de Cordulina foi atrelada à imagem da mulher frágil, desamparada economicamente e moldada para a submissão ao marido. Ela dedicava seu tempo aos afazeres domésticos e aos filhos; não tinha voz ativa e as decisões sempre eram tomadas por Chico Bento, seu esposo, inclusive a que determinou o rumo que suas vidas tomaram diante da seca.

O sertanejo exercia a função de vaqueiro na fazenda de Dona Maroca, mas com a estiagem, não existia mais condições de manter o gado, dessa forma ela então ordenou que os soltassem. Com essa decisão, Chico Bento ficou sem serviço, e só lhe restava a opção de ir embora em busca de melhores condições de vida. Assim, optou por partir com a família em sentido ao Amazonas: “Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha.” (QUEIROZ, 2021, p. 36).

Cordulina sentia-se insegura quanto a ideia de deixar sua “barraquinha” para seguir sem nenhuma certeza quanto ao futuro. Ela se mostrava aflita principalmente pelo fato de que o percurso teria que ser trilhado a pé, tendo em vista que eles tinham cinco filhos pequenos, e isso tornaria o trajeto ainda mais dificultoso. Embora não concordasse com a decisão do marido, ela a acatou, deixando evidente sua submissão, característica que representava o perfil de muitas mulheres da época.

Os receios de Cordulina se tornaram reais durante a viagem, tendo em vista que eles viveram as mais duras consequências que a seca poderia ocasionar em um percurso como o que haviam traçado.

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

-Mãezinha, cadê a janta?

-Mãe, tou com fome de novo.

E o intestino vazio se enroscava como uma cobra faminta, e em roncões refolegava furioso: rum, rum, rum...

- Tô tum fome! Dá tumê. (QUEIROZ, 2021, p. 56).

Diante dessa perspectiva de fome e sede, Landim (1992) afirma que o ser humano torna-se bruto, e a linguagem mostra a realidade trágica, grave e seca. Isso pode ser percebido através do desgaste físico e mental apresentados nos personagens, principalmente na figura de Cordulina: “Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!” (QUEIROZ, 2021, p. 72). Nesse momento ela lamentava ao marido, sentindo-se fraca

e cambaleando. A personagem apresenta-se frágil diante de todas as dificuldades que enfrentou ao longo do percurso, onde a única forma de explicar suas angustias era através do choro.

A miséria em que a família da pobre mulher se encontrava os rebaixou à condição de animais, capazes de alimentar-se de carne podre para sobreviver à fome. Tais circunstâncias ocasionaram dolorosas perdas na vida da retirante: “E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais.” (QUEIROZ, 2021, p. 64). O trecho relata o momento em que Josias, filho de Cordulina, morreu após comer mandioca crua. A fome era tão grande, que a criança tentou saciá-la imediatamente com o alimento que encontrou no mato. Embora amputada com a morte do filho, a mãe dilacerada teve que continuar o trajeto, afinal, não lhe restavam outras opções, a não ser seguir em frente e enfrentar os novos obstáculos e as dores futuras.

Rachel de Queiroz explanou através do comportamento desta personagem sofrida a imagem da mulher sertaneja que, desassistida economicamente, foi exposta aos piores desafios da seca e vivenciou as mais cruéis dores que afligem uma mulher/mãe: a perda de seus filhos.

Além de encarar a morte de Josias, Cordulina também teve que lidar com o sumiço de outro filho, dessa vez, já se encontrava sem forças para chorar. Tentava ocultar a sua dor com a esperança de que nada poderia ser pior do que a situação na qual se encontravam.

Como se não bastasse vivenciar duas perdas tão angustiantes, posteriormente, a pobre mãe foi obrigada a se separar de mais um de seus filhos. É importante observar que as famílias eram muito numerosas no sertão, talvez e involuntariamente, como forma de superar as perdas de filhos que eram comuns. Por isso, Cordulina entregou o caçula Duquina aos cuidados de Conceição, sua madrinha, restando a ela apenas Chico Bento, o seu homem que poderia gerar mais filhos. Nesse último caso, apesar de também se tratar de uma situação dolorosa, ela sabia que estaria aliviando o sofrimento do menino, pois ali ele teria um lar e estaria sob amparo e proteção da madrinha.

Diante da representação da figura de Cordulina e de todos os aspectos que determinaram sua caracterização, é possível perceber a intenção da autora de destinar críticas ao governo da época também através da personagem. A falta de assistência ao grupo de pessoas desamparadas economicamente diante da seca degradante, ficou explícita em vários momentos do romance, mas no que tange à família de Cordulina, é importante destacar que, todo o sofrimento vivenciado por eles foi resultado da corrupção praticada pelo sistema de governo que selecionava quais as pessoas que teriam acesso às passagens ofertadas para os retirantes:

- Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

- Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais... (QUEIROZ, 2021, p. 40).

É possível perceber ainda que o descaso com os mais fragilizados também fazia parte do caráter social, e foi fortemente evidenciado através do sumiço do filho de Cordulina, acentuando-se em duas circunstâncias: a primeira reflete a falta de sensibilidade de uma mulher que, ao notar a presença da família de Chico Bento, no momento em que procuravam pelo delegado da cidade se recusou a atendê-los: “– Abre não, menina, é retirante... É melhor fingir que não ouve...” (QUEIROZ, 2021, p. 90). E posteriormente, quando ao tomar conhecimento do fato, o delegado não teve intenção de prestar assistência, só o fez quando reconheceu que Chico Bento era seu compadre. Dessa vez, a crítica da autora foi atribuída à própria sociedade, que, diante da desigualdade social exposta, destinou aos retirantes o tratamento de indiferença.

Diante dessas caracterizações das personagens femininas protagonistas da obra e dos fatores constituintes de suas personalidades, torna-se importante salientar que a construção da identidade de um indivíduo está vinculada às condições sociais e materiais relacionadas a ele, como destaca Ignatieff *et al.* (1993 *apud* Woodward, 2009).

Dessa forma, nota-se que ao representar de forma distinta às características das mulheres nordestinas da época, através dessas personagens e diante do cenário de uma seca devastadora, a autora apresentou os aspectos sociais e econômicos como fatores que influenciaram diretamente seus comportamentos, costumes e ações.

A independência de Conceição, seus conhecimentos sociais e sua atuação diante da seca, só se tornaram possíveis devido à base econômica que a ela estava atrelada. É importante destacar que, apesar da função que a tornava independente ser relativamente aceita para mulheres naquela época, a heroína acabava transitando das possibilidades sociais confinadas ao lar, para fora do espaço doméstico, como salienta Medeiros (2010). De acordo a autora, o trabalho fora de casa ainda se tratava de uma condição pouco comum para aquele período.

No que tange o comportamento de Dona Inácia e seu apego aos valores culturais da época, Lima (2017) afirma que isso se explica pelo fato do contexto social ao qual ela estava inseria ao longo de sua vida ser resultado de uma série de aspectos da cultura patriarcal dos séculos anteriores, tendo em vista que a matriarca era uma mulher madura.

Assim como Conceição, Dona Inácia também pertencia à classe de pessoas com boas condições financeiras que, embora tenha sido atingida pela seca, contava com opções de enfrentamento que não lhe permitia sofrer na mesma medida que os personagens mais humildes da obra.

Já, em contraste com a independência financeira e intelectual de Conceição, vemos em Cordulina o exemplo de uma realidade bastante comum naquele período. Além de se apresentar como uma mulher preparada para o casamento, onde suas ocupações estavam restritamente relacionadas às atividades do lar, a personagem também se mostrava simples, humilde e pertencente ao grupo social mais fragilizado da obra, conseqüentemente exposto às piores conseqüências da seca.

Por fim, reconhecemos que a seca influenciou a todo momento a vida das personagens e o sofrimento era provocado de acordo com a realidade de cada uma, já que o espaço social e a situação econômica delas eram distintos. Dessa forma, Rachel de Queiroz apresentou tais fatores como os que determinaram que um único problema fosse enfrentado em dois polos diferentes, principalmente no que tange o êxodo rural, pois, embora enfrentassem a dor da partida, os dois grupos não vivenciaram as mesmas experiências e tão pouco os mesmos desafios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário de grandes transformações mundiais ocorridas entre o final do século XIX e o início do século XX, o contexto social no qual as mulheres estavam inseridas nesse período também passou por significativas mudanças, principalmente ao que corresponde ao espaço que elas ocupavam na sociedade.

De figuras moldadas para seguirem padrões patriarcais que as privavam dos direitos enquanto cidadãs e determinavam seus comportamentos diante do convívio familiar, as mulheres passaram a conquistar um lugar, que até então não era destinado a elas.

Para a sociedade do início do século XX, um ser humano biologicamente mais frágil do que o homem jamais poderia desempenhar as mesmas atividades que ele e tão pouco se aproximar de sua racionalidade. Dessa forma, o direito da mulher ao voto e sua inserção ao mercado de trabalho foram conquistas que deram um significativo salto no percurso feminino na sociedade.

Mesmo diante de regras e imposições machistas, havia mulheres que buscavam formas de manifestar suas inquietações quanto à idealização feita sobre elas e ao espaço que lhes era destinado. Foi em meio a esse cenário que Rachel de Queiroz surgiu na literatura brasileira causando grande espanto pela sua escrita e representatividade.

Em uma linguagem clara e realista, a autora saiu dos espaços literários destinados às mulheres e apresentou críticas políticas e sociais através do seu romance de caráter regionalista: *O Quinze*.

A partir do estudo dessa obra notamos como Rachel detalhou minuciosamente o tema central: a seca de 1915, e os aspectos naturais e sociais da região Nordeste, mais precisamente do interior do Ceará. Foram descritas as características do sertanejo e sua relação com a terra, a diferente realidade do patrão e do empregado, e como marca de sua escrita, a representação das mais diferentes personalidades das mulheres do sertão.

Além de dar espaço às personagens femininas no romance, Rachel de Queiroz apresentou algumas delas como protagonistas. As personagens Conceição, Dona Inácia e Cordulina receberam destaque por suas personalidades inteiramente distintas e pela particularidade com a qual elas lidaram com a problemática presente em *O Quinze*.

No presente trabalho, analisamos os fatores que fizeram dessas três personagens femininas, mulheres com pensamentos e atitudes que determinaram o comportamento de cada uma. Buscamos identificar quais suas características específicas e destacamos os lugares que cada uma ocupa na narrativa.

Conceição, é a que mais se diferencia das demais personagens do romance por ter pensamentos que a tornaram uma mulher à frente do seu tempo. A moça, que pertencia a uma família com boas condições financeiras, conquistou sua independência ao desempenhar a função de professora primária. Com a busca pelo conhecimento acerca dos assuntos sociais, principalmente ao que correspondia à condição da mulher na sociedade, Conceição construiu uma noção diferente das demais mulheres da sua época sobre o casamento, uma vez que não via no marido uma forma de proteção e tampouco de estabilidade financeira.

Como representação do comportamento da maioria das mulheres da época, vemos em Cordulina a imagem de uma mulher subserviente, moldada para acatar as decisões do marido e dedicar-se aos afazeres do lar e a família, submetida às mais cruéis consequências da seca, demonstrou, por outro lado, uma força extraordinária que contrasta com a sua submissão transformando-a numa verdadeira fortaleza.

Vemos ainda na personagem Dona Inácia a figura da mulher forte e de fé, matriarca proprietária de terras e condutora da família, que demonstrou grande apego pelo seu lugar, tendo dificuldade em se ausentar dele para fazer a vontade de sua neta: ir para a cidade durante o período da falta de chuvas.

Dessa forma, através da caracterização dessas personagens, tornam-se evidentes os aspectos sociais que fizeram delas mulheres com comportamento distintos, principalmente demarcando o lugar em que cada uma ocupa dentro do romance e determinando a forma como elas lidaram com as situações ocasionadas pela seca.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, 2000, p. 233-239.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Dez Ensaio De Literatura Cearense**. Fortaleza: UFC/ Coleção Alagadiço Novo, 1985.
- BEZERRA, Elvia. O algodão da terra. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 116 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, Prefácio.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1998.
- LANDIM, Teoberto. **Seca A Estação do Inferno**. Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar, 1992.
- LIMA, Samara Pereira de. A construção do espaço e a representação das personagens femininas em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. **REVELL**, Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 15, p. 132-147, s.d.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 371-403.
- MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. Conceição e Maria Moura: duas heroínas no espelho. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 129-144, 2010.
- QUEIROZ, Rachel. A Condição da Mulher. **O Cruzeiro**. Portal da Crônica Brasileira, dez. 1945. Disponível em: https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/rel_content_id/8263. Acesso: 22 dez. 2022.
- QUEIROZ, Rachel. Perdão, mas ainda é seca. In: **Revista O Cruzeiro**. Portal da Crônica Brasileira, mar. 1953. Disponível em: https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/rel_content_id/8263. Acesso em: 14 nov. 2022.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 116. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- ROCHA, Olívia Candeia Lima. Flores Incultas e a Academia Brasileira de Letras escritoras piauienses no contexto do feminismo no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. In: SILVA, Natali Fabiana Costa e. et al. (org.). **Mulheres e a Literatura Brasileira**. Macapá: UNIFAP, 2017, p. 167-197.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathyn Woodward. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Patrícia Alcântara. **Marias de Rachel de Queiroz:** percursos femininos em *O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. 2008.

STELMACHUK, Maris Stela da Luz. **Mulheres do Século XX:** Memórias e Significados de Sua Inserção no Mercado Formal de Trabalho. 2012. 89 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

TAMARU, Angela Harumi. **A construção literária da mulher em Rachel de Queiroz**. 2004. 188f. Tese (Doutorado em Letras), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org.); Bassanezi, Carla. (coord.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 336-370.